

# O homem que fabricava raios...

Por BERILO NEVES

— Manda-me uma chuva de meia hora aqui para Haddock Lobo, sim?

Esse pedido (que eu acabo de fazer ao meu amigo Roberto Teive, Director Geral do Tempo no Distrito Federal) seria tido, há 100 anos, como um symptomá, grave, de loucura. Em 1930 apenas se sabia, vagamente, que as estações receptoras de *broadcasting* estavam influindo, de maneira extraña, na vida climática da cidade, e tinha-se notícia de chuvas provocadas pela crescente movimentação das ondas de Hertz. Sabia-se que, na Italia, o governo tinha feito construir *canhões electricos*, destinados, especialmente, a modificar as condições atmosphericas nas regiões susceptíveis de longos períodos de secca. O que não se sabia, ainda (e só 20 anos depois é que os norte-americanos Carrick e Woosley o demonstraram) é que a Civilização pode modificar o Tempo tão seguramente como modifica o curso dos rios, o nariz dos homens e a cintura das mulheres. Tratou-se, desde ahí, de realizar a *orthopedia do Tempo*, isto é, a regulamentação científica do clima, da temperatura e de toda a existência atmospherica, em summa. Para isso construiram-se enormes canhões que, ao invés de balas, desfechavam fluidos electricos, O velho deus Vulcano, na sua forja mythologica, não ousara tanto... Mas os homens do seculo XXI, armados dos conhecimentos subtils que explicam e revelam a Natureza, podem fazer chover em pleno deserto do Shara, mediante o manejo habil dessa força universal que é a Electricidade e que não passa de uma fórmula mais intensa da vibração intro-atomica de que nascem a luz, o som e outros phenomenos vibratórios conhecidos. Hoje, enche-nos de magua saber que tantos excursionistas morreram em desertos ressequidos, á falta de agua para beber e recordamos, com humilhação e vergonha, que, numa antiga província do paiz, chamada Ceará, morriam criaturas humanas e bovinas em consequencia de secas prolongadas e ferozes. Quanto é facil, hoje, ao Ministro da Atmosphera fazer desabar 50 milhões de litros d'agua no Cariry, ou no Joazeiro! A chuva é mais um elemento natural dominado pelo profundo, e atilado saber dos Homens. E, com ella, o frio e o calor se manejam com tanta facilidade, nos paizes, nas cidades, nas villas, etc. como,

ha 100 annos, se regulava a temperatura de uma pequena sala, com aquecedores ou refrigerantes!

O que se conseguia com o ar aquecido em canos de chumbo e com os refrigeradores electricos (elevando ou baixando a temperatura, de acordo com as necessidades da estação) no espaço restrito de uma casa, hoje se faz em largissima escala, em regiões extensas, que abrangem, muita vez, toda uma nação. Assim é que o Pará e o Amazonas desfructam de um clima temperado, que lhes permite acolherem, annualmente, 200.000 escandinavos (suecos, noruegueses, etc.). Em compensação, o inverno gaúcho deixou de ser um castigo para os pobres homens de norte que alli servem nas forças do exercito ou nas repartições do governo: em Porto Alegre, fabrica-se, enquanto o Diabo esfrega um olho, o clima temperado do Espírito Santo ou da Bahia, em pleno rigor hibernal.

E, até, quem possue, como eu, a valiosa amisade do Director General do Tempo, na capital da Republica, zomba dos antigos maridos que viviam e espreitam angustiosamente o céo, a espera de uma chuva bemfazeja que lhes roubasse á esposa, o prazer de ir ao Theatro Russo depois de um dia inteiro de trabalho e de canseira... Muita vez tenho causado á minha mulher desgostos atmosphericos graças a essa velha estima que me prende a Roberto Teive. No dia dos meus annos (quando aqui estive, de casaca e flor á lapela, o Ministro da Navegação Aerea) arranhei, na Tijuca, um temporal que me ia levando a metade das telhas velhas do alpendre. Foi um modo habil, e insuspeito, de deter mais algumas horas, na minha casa, o poderoso ministro, a quem se atribuem as preferencias eleitorais para o proximo periodo presidencial da Republica. Outras vezes, faço armaz o mau tempo quando algumas visitas desagradaveis se annunciam — e não faz muito que evitei, com meia duzia de trovões, a vinda das Raposo, essas detestaveis solteironas que vivem, de casa em casa, a espreitar novidades e farejar escândalos.

E', mesmo, desses trovões que desejo falar mais de espaço, como diria o grande frei Luis de Souza, estylista para quem o trovão ainda era privativo das forças insuper-

veis da Natureza. O Teive (que foi, ha 20 annos, o cadete mais namorador da Escola de Guerra) casou-se, ahí pelo meado de 2.028, com a morena mais «desembaraçada» do Engenho Novo. Dizem que ella fôr noiva 3 vezes, e causará 5 suicídios (sendo um do literato Mesquita, autor das «Ultimas Violetas», que morreu encharcado de creolina, decerto para limpar a alma de um amor tão sujo.) Quando o Teive annuciou o noivado, liguei para a sua casa o telephone sem fios (esse *ligar*, aqui, é simples convenção telephonica) e o avisei das ruins cousas que se diziam de sua noiva. «*Não importa* — respondeu-me o futuro marido de Therezinha Reimbold — *sou um hamem capaz de meter medo a um milhão de mulheres*». Achei exquisita a resposta. O Teive não era, sequer, um homem musculosso. Não nadava mais de 200 metros, e fôra retirado, um dia, da parada de 7 de setembro, todo palido e coberto de suor, com a carabina tremula entre as mãos frias. Que diabo o homem teria inventado para meter medo a um milhão de mulheres? Foi só um mez depois que consegui saber-o. O Teive que, ao deixar a vida militar, se dedicara a estudos de electricidade, descobriu o principio do «raio artificial», conforme o demonstrou em inesquecivel experiência dedicada aos jornalistas cariocas. Dentro de uma câmara de chumbo, provida de poderosos isoladores, o nosso homem, todo vestido de borracha, calçado de borracha e enluvado de borracha manobrava dous immensos e grossos fios de cobre, á cuja approximação saltavam faiscas electricas de formidavel poder destrutivo. Aproveitando o velho principio da diferença de potencial, causadora de scentalhas, Teive fazia romper o dielectrico em escala ainda desconhecida, conseguindo raios de poder diabolico de um milhão de volts (decerto, contava com um volt para cada mulher a amedrontar...) O estampido causado pela subita ruptura do dielectrico, e consequente deslocação da massa gazosa ambiente, era, em tudo, igual aos mais poderosos trovões que tenho ouvido na minha vida. Os jornalistas ficaram assombrados com essa demonstração e muitos delles chegaram a tirar fóra os alfinetes que traziam á lapela ou as inoffensivas canetas-tinteiras de oiro, com receio de atrahirem o raio de Teive.

Foi um acontecimento memorável na vida da cidade.

— Agora, concluiu Teive, sorrindo, e mandando servir *Champagne* aos presentes, em vez de mandar os meus inimigos para o *raio que os parta* eu mesmo posso encarregar-me desse mistério...

Concordamos, sorrindo, e erguemos as nossas taças em honra do «dominador raio» e «creador do trovão». Teive ficou, de ahi por diante, apelidado de Caramurú (honra ao português histórico a quem os índios chismaram com esse nome por usar arma de fogo) e elle só perdeu esse apelido quando o Governo, impressionado pelas suas sensacionais experiências (que tanto deram que falar no estrangeiro) o convidou para o alto calgo de Director Geral do Tempo, na capital da República. Ficou, assim, o esperto Teive habilitado a fazer chover onde e quando bem lhe aprouvesse. Como homem que é (e, portanto, sujeito às inexplicáveis atrações e repulsões da alma) fazia descarregar coriscos na casa dos seus inimigos, ou alagava, durante semanas inteiras, a construção de um predio de cujo proprietário não gostava. Se havia reclamações ao Governo, o ladino homem explicava que se dera um desarranjo na apparelhagem reguladora da zona em questão. E, assim, elle se tornaria, com efeito, um homem temido, um verdadeiro «manda-chuva» como se dizia nos tempos em que se tinha como su-

prema dificuldade natural o mandar alguém chover ou deixar de chover.

— Teive (disse-lhe eu, um dia, em que oapanhei sosinho e antes da hora do expediente na sua famosa repartição), afinal não me conteste como foi o teu casamento...

Elle sorriu, satisfeito, e, abrindo uma caixa de charutos, mandou-me que me servisse primeiro. Depois, trincando a ponta de um «habanero», segredou-me ao ouvido:

— Installei, em casa, uma estação de fabricar coriscos. Logo no dia seguinte ao do casamento abalei a casa com um trovão que poz os pratos em pandarecos, e obrigou minha sogra, toda arrepiada, a desistir de passar connosco a semana da lua de mel. A illustre dama (toda carregada de joias como uma *vitriue* de casa de penhores) tomou o primeiro automovel que passou pela nossa porta, e desde ahi só nos visita pelo telephone (sem fios).

— E a tua senhora, tambem se intimidou?

Teive gargalhou, deliciado:

— Como uma barata tonta, coitadinha! Metteu-se na cama e embrulhou a cabeça com quantos lençóis encontrou...

Apertei a mão do meu amigo, cheio de orgulho da sua masculinidade.

Uma semana depois fui almoçar com o meu amigo Teive. Como de

costume, não me fiz annunciar. Era mos tão amigos! Ao saltar á porta da sua casa, em Laranjeiras, vi sahirem de seu gabinete faiscas medonhas e ouvi, quase instantaneamente, trovões violentíssimos.

— Lá está o Teive a distribuir coriscos! pensei alegremente. Toquei a campainha. Ninguem me veiu attender. Como conhecia todos os recantos da casa, dirigi-me pela porta dos fundos, e fui ter, imediatamente, ao gabinete do meu amigo. «Teive!» gritei para dentro e ia empurrar a porta quando ouvi grande algazarra no interior do aposento. A porta abriu-se quasi ao mesmo tempo e vi apparecer a senhora Teive, pelo braço de um rapazola magricela, de bigodinho aloirado, muito antipathico. Perguntei pelo marido: tinha sahido para fazer umas compras e almoçar na cidade.

Despedi me, meio desageitado, e desci as escadas rumo á mesma porta interna, por onde entrara. Ao passar pela cosinha vi um vulto, de pijama, a esgueirar-se rumo ao quarto dos criados. Escondi-me na sombra do corredor. Era o Teive. Na ponta dos pés, e com um «Díario Official» debaixo do braço, elle procurava, evidentemente, esconder-se no canto mais sozegado da casa. Não o chamei... Para que? Lé encima, no gabine e rolou, mais forte e mais cavo, um trovão kilometrico...

BERILO NEVES

### CLUB R. GUANABARA

### CENTRO CHINA



A entrega dos premios aos vencedores do Campeonato de Esgrima.

Commemoração ao 19º anniversario da Republica Chineza.

••• O fluxo e refluxo das aguas dos mares é uma força incalculável, engendrada pelas atrações do

Sol e da Lua, combinadas com a rotação do nosso sistema planetario. Essa força é eterna, isto é,

durará enquanto durarem as causas sideraes do nosso sistema planetario.